

Os depoimentos mais instigantes do seminário Existe uma Cultura Candanga? são registrados nestas páginas, como subsídio para elucidação da questão. Participaram do seminário professores, jornalistas e produtores culturais, numa iniciativa do Movimento de Dinamização da Cultura Candanga. Poucos curiosos compareceram aos debates, mas ficou a certeza de que só mesmo o esclarecimento dos que fazem e produzem cultura pode acabar com um círculo vicioso de pensamento que domina Brasília desde sua primeira agonia.

CULTURA CANDANGA

Brasília: blocos, quadras e cerrado. Uma cidade bloqueada, quadrada e cerrada?

CULTURA E SOCIEDADE

Do ponto de vista histórico existem duas dimensões na cultura brasileira: a importada, transplantada de forma acrítica; e a popular, criada pelo povo, com muita influência do africano, traduzível em vivências, símbolos religiosos, culinária, música.

No momento atual do Brasil existem outras dimensões: primeiro, uma cultura planetária, uma cultura de massas, importada, produzida em série, identificada com o processo de modernização dependente, ao que corresponde a uma dependência cultural. Segundo, uma outra dimensão é a da antiga cultura popular tradicional - que resiste, que se manifesta através do folclore, do artesanato. Conhecemos mal a realidade cultural brasileira de nossos dias, principalmente a realidade urbana - a dialética entre o rural e o urbano. Também é difícil saber o que vai acontecer com a cultura brasileira - porque ela é ambivalente e porque a economia capitalista dependente tende a diversificar economicamente a homogeneizar culturalmente.

Em Brasília, é importante pensar no problema da homogeneização da cultura, na importância da vida artística, nas peculiaridades de Brasília. Tenho a impressão de que o meio artístico de Brasília é diferente no sentido de estar criando novas formas de organização e divisão do trabalho artístico. Fernando Correia Dias - Sociólogo - UnB

O PAPEL DAS GERAÇÕES

Haverá uma cultura candanga? Se em Brasília se quebrou o papel de vasos comunicantes, de que elo as gerações assumem em relação às outras, resultando idéias, emoções. Se em Brasília não se tem tempo de pensar no pai, no avô...

Haverá uma cultura candanga? Quando o que foi bom para mim pela manhã, me compromete à tarde e me aniquila à noite? Quando Brasília é cidade do controle, antisséptica, que não criou anticorpos. Classe média espremida entre o Lago e as cidades-satélites, e reações pioradas de dependências e ressentimentos mútuos. Brasília é a terra de ninguém, mas será a casa de nossos filhos, de nossos netos, sem prevalência de determinada cultura - e aí vai ser cadinho.

Maria Leda Rezende Dantas - Socióloga - Sesc

FUNÇÃO DA ARTE

A arte é a recusa do morrer, mas só isso não explica a função da arte na sociedade. Arte é alusão (infere-se a...), ilusão (é imaginativa) e

ilusória (historicamente, a arte tem sido dependente da ideologia dominante). Quanto a arte em Brasília, estou perplexo. Procuo uma explicação. Qual a saída? Brasília ainda não tem condições de dar nada que seja inventivo, por uma série de contradições. O melhor deste debate - embora elitista - é a própria existência dele, a discussão de pontos que abrangem a nossa vida, e não apenas de um ponto de vista teórico. Que o caminho se torne caminho, que o círculo se torne espiral. João Evangelista - professor - UnB

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Meu depoimento, em relação à cultura candanga, está ligado ao Centro de Extensão Cultural da UnB - como seu primeiro diretor. A renovação era pensada através do questionamento, porque seu questionamento não há "alto" conhecimento. No primeiro semestre de 62, - no Ministério da Saúde - começaram os primeiros cursos regulares da Universidade. No segundo semestre, tivemos muita "força" da cidade: Um terço da população chegou a matricular-se nestes cursos "extracurriculares", que buscavam uma integração com a comunidade. Esses cursos eram desde a alfabetização (para os candangos, ministrados por alunos da Universidade) até os mais sofisticados, em nível de pós-graduação. Tínhamos cerca de 1.000 alunos nos cursos regulares e 1.500 nos cursos de pós-graduação. Seria implantado na UnB um sistema pelo qual metade das vagas para os cursos regulares seria oferecida aos vários Estados brasileiros. Dentro da proposta da UnB, a Tv Nacional seria incorporada à Universidade atuando de forma empresarial, a partir de todo um trabalho a ser desenvolvido na Faculdade de Comunicação. POMPEU DE SOUZA - Jornalista

PLANO ORIGINAL

O Plano de Brasília considerava a idéia de "encontro" - que se realizaria nas unidades de vizinhança, nas quadras, nos blocos, nas escolas, nos clubes de vizinhança; que não teriam gradis. Em Brasília, o importante era o lançamento de um espaço novo, que modificaria a escala, a relação das pessoas com o espaço. Não se pensou em erigir um "monumento ao automóvel" - mas a ruptura do processo político em 64, fez muita coisa mudar, alijou a possibilidade de discussão e de esforços no sentido de fazer do Brasil um país livre. Os jovens que sucederam a primeira geração tiveram songadas as informações verdadeiras, substituídas por "verdades oficiais" enganosas e que levaram a um marasmo, a essa pobreza. Por um lado se

acentuaram as diferenças econômicas de classes e por outro faltaram também administrações competentes - uma cidade não se faz somente com projetos e idéias. Usa-se a cidade de uma forma predatória, os burocratas não se incorporam a ela. Seu grande movimento na cidade, é fazer nos carros oficiais, o trajeto entre os Ministérios, o apartamento e o aeroporto (nos fins de semana, os mais longos possíveis). Se cultura não é apenas algo em torno do ballet e da música, mas tudo o que gira em torno de um povo, que está envolvido com os problemas e com as soluções destes problemas - os marcos antecedentes têm de ser considerados. E a comunidade tem de se posicionar, vencer o ceticismo, o salve-se quem puder que se instalou aqui e em todo o país. Luiz Humberto - (arquiteto)

PROPOSTAS DE FERREIRA GULLAR

Síntese das principais idéias do primeiro diretor da Fundação Cultural, conforme entrevista ao Jornal de Brasília: Juntar o mais antigo (a cultura popular trazida pelo nordestino) com o mais novo (o urbanismo de Lúcio, a arquitetura de Niemeyer, e informações da arte de vanguarda). A cultura candanga seria a síntese do mais antigo com o mais novo no Brasil.

MÚSICA

Existe hoje uma relação significativa de projetos, grupos musicais etc que pode possibilitar, a primeira vista, uma visão otimista. Nunca vi em outra cidade do mesmo porte de Brasília - tantos locais, espaços disponíveis. Mas é curioso que não são os melhores auditórios, os mais intensamente utilizados. Não existe, infelizmente, um mercado e portanto não existem condições de sobrevivência. A impossibilidade do autofinanciamento torna os artistas cada vez mais dependentes do poder oficial. E a cultura oficial não é um produto comprável, não se sente necessidade dessa cultura oficial.

Quem o público de Brasília? Esta é uma questão fundamental. É um público que não se sedimentou ainda e com "cortes" bastante identificáveis: o corpo diplomático ou do mundo oficial, o público jovem (que é o da galeria Cabeças) e o público das cidades-satélites (que por dificuldades econômicas não pode consumir). Não é possível conclusões ainda, mas, desde já, se colocam algumas questões e tentativas de solução. Educação, a meu ver, a chave-mestra para se enfrentar estes problemas - intensificar o plano de educação, tornar o educador mais "agressivo", multiplicar nas pessoas que ensinam o interesse e a crença no valor destas

atividades. O público de Brasília cresce e se modifica. Por que, a título de exemplo, não se ensina violão na UnB, se a gente encontra em Planaltina um catireiro que conhece 25 toques de viola?

Odeh Ernest Dias (Flautista e professora de música da UnB).

LITERATURA

Brasília pode ser aquela coisa estranha. Por exemplo, de repente desce um disco-voador: no meio da catira.... Mas eu sinto que exista uma coisa daqui, que não é apenas o folheto do Detur, reescrito com humor ou o fato de se falar de Plano Piloto ou SQS. Existe atualmente uma grande movimentação em torno de uma produção do mimeógrafo, que você pode discutir a qualidade, mas está aí. Por que para se produzir literatura e poesia é preciso pouco - lápis e papel. E este movimento acontece agora porque antes houve alguma "força". Por exemplo, foi muito importante que o *Correio Braziliense*, durante um curto tempo, bancasse a poesia feita em Brasília, dando espaço, publicando, revelando.

Teté Catalão (Poeta, jornalista)

TEATRO

Depois de 25 anos de teatro, dos quais nove em Brasília, vejo-me como algo típico da produção teatral da cidade: minhas possibilidades de mostrar meu trabalho hoje, aqui, são menores do que as que eu tinha em Uberaba há muitos anos atrás (tínhamos um teatro, um espaço próprio, podíamos ensaiar neste espaço). O teatro de Brasília não tem público - isto é uma coisa óbvia. Não temos a possibilidade de aprimoramento, de aprender a transar uma luz, por exemplo. Então como temos pouco público, isto se torna argumento oficial para trazer grupos de fora - que são bem recebidos pela imprensa, pelos órgãos oficiais, nas melhores casas de espetáculos daqui. Daqui a pouco as causas destes problemas podem cair na guerra do Iraque com o Irã e aí a coisa fica séria. Por exemplo, o projeto Platéia é interessante. Mas nenhum grupo de teatro entrou nele. Mesmo as pessoas interessadas na vida cultural da cidade frequentam pouco o que é feito aqui.

João Antônio (Diretor de teatro)

CINEMA

Como o cinema é uma arte cara, uma atividade industrial, nos filmes realizados em e sobre Brasília, o Estado sempre teve participação. Mas a produção contemporânea do cinema de Brasília não reflete essa participação do Estado ao nível de conteúdo. Ex: o último filme de Vladimir de Carvalho, encomendado pela Fundação Pró-Memória ou o

cinema da Pedra Produções Cinematográficas. Apesar disso, infelizmente, Brasília ainda não possui um mercado para cinema. Ninguém vive de cinema aqui. A Associação Brasileira de Documentaristas - ABD-DF fez um projeto - aprovado pela Embrafilme - mas não "adotado" pelas autoridades locais. Então a gente vê que os problemas do cinema em Brasília são os mesmos de outras regiões fora do eixo Rio - São Paulo. Oitenta por cento dos recursos da Embrafilme são para os produtores radicados no Rio de Janeiro.

Geraldo Sobral Rocha (cineasta)

BRASÍLIA/URGENTE

Quando comecei fazer no Brasília/Urgente, um quadro para divulgar as atividades artísticas de Brasília, muitos me diziam que não haveria material, não daria para segurar 20 minutos diários na TV. Não só tem pintado muito material - como até tem excedido o tempo disponível. A idéia era estimular o público a ver o que se faz em Brasília - em competição com o que vinha do Rio e São Paulo. É claro que a qualidade dessa produção é bastante diversificada. É preciso uma melhor informação para a produção, a divulgação como motivadora - o que certamente irá elevar o nível desta produção.

Cristiano Menezes (Repórter do programa Brasília/Urgente, TV Tupi)

TV GLOBO

Há uma distância entre a vida e a arte (o código do artista). Em Brasília já uma grande oferta de bens culturais. Mas em que medida isto reflete já uma cultura de Brasília? Para mim isso ainda não existe, porque não é só o público que quer as coisas do Rio e São Paulo. O artista também quer ir para o eixo. Acho que os meios de comunicação de massa mantêm relações com estes problemas, mas já há um espaço grande, nesses meios, para o que é de Brasília, inclusive na TV Globo. Entretanto, este espaço é, às vezes mal usado. As características especiais existem em Brasília, mas não em desvantagem, já que Brasília é uma obra de arte coletiva.

Carlos Henrique (Editor de Jornalismo da TV Globo)

Todo mundo gosta do Cheque Especial BRB.

O Regiocheque.



Brasília, domingo, 19 de outubro de 1980